

Manhã

CORREIO DA MANHÃ
23/11/1962

VICE-PRESIDENTE
ANTÔNIO MONIZ SODRE NETTO

N.º 21.364 — ANO LXII

DIRETOR-GERENTE
ALÍPIO DE SALLES

23 de Novembro de 1962



BONFÁ
Um dos que agradaram

**Bossa nova
fracassou nos EUA:
cantilena monótona**

O tão anunciado programa de bossa nova brasileira, apresentado na noite de anteontem no famoso Carnegie Hall, de Nova York, redundou num fracasso quase total, em parte devido à deficiências de organização, e em parte por não ter o público demonstrado receptividade pelas músicas, que foram cantadas na maioria em inglês. O cronista do New York Times qualificou o programa de "cantilena monótona", segundo informa despacho da UPI. Para ele, os cantores pouco tinham a oferecer; pois em termos gerais exibiram-se de maneira a ser considerados como artistas rotineiros nos EUA.

A desorganização foi geral. O grupo brasileiro enfrentou 11 microfones que faziam chegar a apresentação a duas dependências do governo, uma cadeia de televisão e uma companhia gravadora de discos, prejudicando não só o contato visual direto do público com os cantores como a audição do repertório. Some-se a isso um batalhão de funcionários no palco, num vaivém tumultuado, provocando desencontros e gafes tremendos.

João Gilberto, a quem se considera um dos mais destacados cantores do movimento da bossa nova no Brasil, esteve um pouco acima desta categoria, porém

seu estilo extraordinariamente íntimo se perdeu no Carnegie Hall.

O único brasileiro que causou uma impressão positiva foi Luis Bonfá, um violonista de estilo sutil e lírico.

Desgraçadamente, o programa foi tão carregado que não foi possível ouvir a Lalo Schifrin e Stan Getz, cujas interpretações norte-americanas da bossa nova foram, no passado, muito mais interessantes que a que os visitantes brasileiros lograram fazer chegar aos presentes através do sistema de amplificadores".

O famoso Carnegie, geralmente reservado para manifestações de música "clássica", havia aberto suas portas aos mais destacados intérpretes do ritmo brasileiro, entre eles João Gilberto, Bola Sete, Luis Bonfá, Agostinho dos Santos, Oscar Castro Neves, Antonio Carlos Jobim, o argentino Lalo Schifrin e o norte-americano Stan Getz.

Auspicado pela empresa gravadora "Audio Fidelity", a revista de espetáculos "How", e produzido por Phil Shapiro, o programa resultou em um fiasco de organização que os intérpretes se viram impotentes de superar.

Tanto o público como os críticos e a maioria dos próprios músicos participantes no concerto coincidiram em opinar que este havia sido quando menos "infelizmente". O público o demonstrou retirando-se por momentos em massa da sala, os críticos escrevendo — ao menos, os poucos que tiveram o trabalho de fazê-lo — nos comentários desfavoráveis, e os músicos fazendo depois do concerto cerrada carga sobre os organizadores.

Schifrin, Gilberto e Bonfá foram recebidos com ovação. Bonfá, autor da música de

"Orfeu Negro", chamou particularmente a atenção por sua esplêndida sonoridade e seu estilo limpo.

Gilberto e Schifrin não tiveram a mesma sorte. O público tinha grande interesse nesta primeira apresentação em Nova York de Gilberto, um dos "pais" da bossa nova, porém, não pôde apreciar suas virtudes.

No cenário houve durante todo o concerto mais microfones que músicos — rádio, televisão, empresas gravadoras e até repartições oficiais relacionadas com a cultura — com toda uma coorte de empregados que constantemente iam e vinham, mudando-os de lugar e ajustando-os a distintas alturas. Isto se fez bastante evidente quando chegou a vez de Gilberto que teve de esperar quase cinco minutos até que os empregados terminassem seu trabalho, para começar a atuar quase oculto atrás de cortina de gravadores. Gilberto cantou duas breves canções que da sala quase não podiam ser ouvidas, e se retirou. O brasileiro não se apresentou com a orquestra de Gary McFarland na segunda parte do recital, como estava anunciado.

O quarteto de Lalo Schifrin teve sorte parecida. Nem o piano de Schifrin nem o flauta de Leo Wright nem o contrabaixo de Art Davis podiam ouvir-se claramente, com o resultado de que a bateria cobria quase por completo o som dos outros três instrumentos. Por outra parte, alguém entre os bastidores teve a má idéia de equivocar-se e acender as luzes da sala quando o conjunto de argentino estava para iniciar sua terceira interpretação, e houve cenas de confusão entre o público, que havia ficado em seus lugares, os que se levantaram rindo ao pensar que havia começado o intervalo, e os que

voltavam do "foyer" ao dar-se conta de que o recital continuava.

Depois do intervalo — do verdadeiro — a sala havia ficado semi-vazia. Não se pode determinar se como reação, ou por engano, Stan Getz, um dos saxos mais admiráveis do "Jazz" moderno não começou sua atuação tocando bossa nova. Com seu quarteto, Getz interpretou "As Fôlhas Mortas" e outra peça, ambos em tempo de blues. Isto provocou outra debandada do público, porém, a situação melhorou quando Getz tocou maravilhosamente uma obra brasileira, que suscitou entusiasmo entre os presentes.

Em continuação apareceu a orquestra "Grande" de Stan Getz, (16 músicos) dirigida por Gary McFarland, porém suas interpretações foram de tipo "standard" e o pouco público estava talvez já tão decepcionado que o concerto terminou rapidamente, quase abruptamente.

Os comentários feitos do palco pelo crítico de "Jazz" Leonard Feather, foram, em geral, pobres.

Outro fato que conspirou contra o êxito desta "apresentação oficial" da bossa nova nos Estados Unidos foi o fato de que alguns intérpretes brasileiros, entre os quais o próprio Jobim, pareceram sentir-se na obrigação de cantar em inglês, gesto que a maioria do público, sinceramente interessada nesta nova expressão da música tipicamente brasileira não apreciou.

Durante o programa, apareceram também no palco, além dos mencionados, Agostinho dos Santos — "a voz de Orfeu Negro" que impressionou de forma mui grata, Carmem Costa, José Paulo, Sergio Mendes, Carlos Lyra, Roberto Menescal, Chico Feitosa, Normando, Claudio Miranda e outros.